

SUSAN BASSNETT, *TRANSLATION*, ROUTLEDGE (THE NEW CRITICAL IDIOM), LONDON & NEW YORK, 2014, 201 PÁGS.

Laura Tallone
CICE (ISCAP)
Portugal
lauratal@iscap.ipp.pt

Quando em 1980 foi publicado *Translation Studies*, de Susan Bassnett, o livro, que vai na quarta edição, rapidamente se tornou leitura incontornável, referência obrigatória de teses e dissertações, bibliografia omnipresente nos cursos de tradução surgidos na esteira do aprofundamento e expansão da (inter)disciplina durante as décadas seguintes. Trinta e cinco anos depois, este *Translation* é candidato a ocupar um lugar igualmente cimeiro. Já sem necessidade de justificar a validade dos Estudos de Tradução como campo de investigação autónomo, Bassnett dá conta das principais tendências actuais da tradução num mundo onde os contactos interculturais e os volumes de traduções geradas atingem proporções nunca antes vistas: “So great is the role played by translation that it is no longer possible to view the translator as a lesser figure than any other writer, since the translator is the agent through which transcultural transmissions are effected” (p. 15).

Assim, após uma breve introdução em que Roman Jakobson e Walter Benjamin fazem companhia a Cícero e São Jerónimo na pré-história da disciplina, e na qual a velha dicotomia entre tradução literal e tradução livre é “despachada” juntamente com os mitos de fidelidade, equivalência e traição, o Capítulo 1, “The origins and development of translation studies”, salienta o papel de Andre Lefevere e de James T. Holmes como impulsionadores da nova disciplina e ideólogos do Grupo de Leuven, cujo objectivo explícito foi o de resgatar a tradução da posição ancilar que então ocupava no âmbito académico. O capítulo debruça-se também sobre as duas abordagens que Bassnett considera mais significativas para o avanço dos Estudos de Tradução na década de '80, i.e., a Polysystem Theory e o Cultural Turn. Sem deixar de referir as ressonâncias do Formalismo russo na abordagem de Even-Zohar, a autora destaca nestas duas posições principais o facto de terem recontextualizado a tradução no estudo mais amplo da cultura e dos factores ideológicos e socioeconómicos que a determinam: “The object of study had been redefined,

so that what was now seen as central in translation studies was the analysis of texts embedded in their dual networks of both source and target cultures" (p. 32). Esta ênfase maior nos factores culturais que condicionam o quê, o como e o por quê da tradução deu como resultado um contacto mais próximo e enriquecedor entre os Estudos de Tradução e outras áreas, nomeadamente o Pós-colonialismo e os Estudos de Género, que recebem tratamento mais aprofundado nos dois capítulos seguintes.

No Capítulo 2, "Postcolonial translation", a violência exercida no plano da língua pelas culturas dominantes, em particular a de língua inglesa, é atribuída à incapacidade da historiografia literária Europeia de compreender tradições literárias diferentes, com a consequente universalização e aplicação forçada dos modelos ocidentais. Bassnett faz aqui uma importante observação relativa ao bilinguismo como forma de resistência, distinguindo entre os escritores (índios ou africanos), que procuram a sua identidade oscilando entre a língua hegemónica e a vernácula, e os da América do Sul, que operam dentro da própria língua colonial, utilizando o substrato da língua aborígine para subverter e reescrever o português ou o espanhol.

Muito relacionado com o anterior, o Capítulo 3, "Translation and Gender", também se ocupa da tradução como reflexo de desequilíbrios de poder fundamentados na relação desigual entre um suposto original superior e a sua imperfeita cópia. Baseado extensamente no trabalho de Sherry Simon ("the most exciting thinking about translation and gender has come from Canada", p. 68-9), o capítulo analisa a repercussão de Hélène Cixous e Julia Kristeva no mundo anglo-saxónico, bem como as estratégias de intervenção no texto utilizadas pela escrita feminista para ganhar visibilidade. Nesse mesmo sentido, Bassnett reafirma a necessidade de recuperar, reavaliar e especialmente compreender o papel das tradutoras como agentes culturais ao longo da história, especialmente no que diz respeito às questões de autoria e ao lugar ocupado pelas mulheres na produção literária.

Muita tinta tem corrido sobre a forma de traduzir aqueles textos dos quais nos separa uma grande distância temporal. O Capítulo 4, "Translating across time", aborda esta questão à luz das necessidades e exigências da cultura receptora. Ilustrando os seus argumentos com diversas versões inglesas da *Ilíada* e da *Divina Comédia*, Susan Bassnett explica o sucesso ou fracasso de algumas delas, sem deixar de referir as consequências de um determinado texto traduzido atingir um estatuto canónico: "Once a translation acquires

canonical status in a literature, it establishes a precedent that sometimes can be counterproductive for subsequent translators" (p. 94). Através das páginas, torna-se evidente que se trata de mais uma dicotomia (actualizar vs. arcaizar), intimamente relacionada com a lealdade ou responsabilidade do tradutor em relação ao texto fonte ou à cultura receptora, a qual só se resolve de forma particular e transitória.

O Capítulo 5, "The visibility of the translator", dá continuidade ao anterior, no sentido em que estratégias estrangeirizantes ou arcaizantes são utilizadas por alguns tradutores (nomeadamente Lawrence Venuti, referido com frequência em todo o livro) para se tornarem visíveis no texto. Mas para Bassnett o mais destacável destas tendências é o facto de elas se prenderem com o conceito de autoria individual que cada cultura defende num determinado momento. De resto, a tradução é sempre o resultado de uma leitura individual que inevitavelmente marca o texto, e por isso o tradutor nunca deixa de estar visível. "The issue is not that the translator is invisible, but rather that in judging translations, critical opinion has opted to render the translator invisible by stressing the significance of the original over its translation" (p. 124).

O Capítulo 6, "Redefining translation in a global age", debruça-se sobre as alterações que as tecnologias de informação e comunicação introduziram na profissão do tradutor e no próprio conceito do que constitui ou não tradução. A tradução nas agências de notícias e nos serviços informativos da televisão, bem como a tradução audiovisual e a localização, servem não só para ilustrar a natureza híbrida da tarefa do tradutor (com competências que excedem as linguísticas), mas o baixo estatuto que o tradutor ainda tem nestes âmbitos, onde a hegemonia da língua inglesa, alerta Bassnett, resulta numa nova forma de colonialismo.

No último capítulo, "The boundaries of translation", a autora analisa os limites da tradução em áreas como o teatro, a auto-tradução e a pseudo-tradução, limites esses que, mais uma vez, estão relacionados com o grau de liberdade que o tradutor tem para intervir no texto fonte. Com um certo optimismo, Bassett aponta uma mudança significativa no modo em que vão sendo apagadas as fronteiras entre original e tradução, devido a um crescente "espírito de apropriação" segundo o qual qualquer estratégia encontra justificação no projecto ao qual serve. Contudo, a própria autora reconhece que esta mudança vem de dentro da disciplina e é ainda incipiente: "The problems around negative attitudes towards translations lies not with translators, but with commentators and critics who fail to

understand that no text can be exactly reproduced in another language. The entire discourse of translation as the betrayal of an original is nothing less than an absurd value judgement, based on an idealization of what is achievable by a translator and on an outmoded hierarchical positioning of textual practice that relegates translation to a subsidiary marginal status" (p. 152).

Com menos de duzentas páginas, mas recheado de exemplos extremamente claros de traduções representativas, *Translation* guia-nos através dos mais de quarenta anos de uma disciplina cada vez mais fértil, necessária e abrangente. O livro vai também recolhendo o trabalho dos teóricos mais influentes das últimas décadas, iluminando as áreas de interesse nos debates actuais sobre tradução. Não se trata, portanto, de um inventário exaustivo de nomes (alguns, como J. House, C. Nord e P. Newman são omitidos sem deixar saudades; outros, como E. Nida e M. Baker são apenas referidos de passagem), mas de uma selecção criteriosa daquelas teorias que consideram o texto na sua dupla pertença a duas culturas e a dois sistemas literários. Assim, não se oferecem aqui teorias novas, mas um excelente ponto de partida para compreender o lugar da tradução hoje, sem perder de vista as questões que têm dominado esta actividade ao longo do tempo. É por este motivo uma leitura altamente recomendável para alunos e docentes de tradução, bem como para aqueles que tenham tomado consciência (e já não era sem tempo) do papel central da tradução em quase todas as interacções humanas.